

Enviado em: 22/07/2009 - Aceito em: 30/09/2009

A INCLUSÃO SÓCIO-ECONOMICA E O GRAU DE FORMAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE FOZ DO IGUAÇU.

Blasius Silvano Debal¹
Dircinéia Rodrigues²

RESUMO: O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que investigou as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis e seu grau de formação na cidade de Foz do Iguaçu. O reaproveitamento de lixo urbano figura como atividade emergente após movimentos ambientalistas e de preservação ambiental. A catação de materiais recicláveis constitui, para muitos trabalhadores, única forma de garantir sobrevivência e possibilidade de inclusão num mercado de trabalho excludente. Essa pesquisa investigou como os catadores percebem suas relações de trabalho, as condições em que desempenham suas funções e as práticas do trabalho em cooperativas de reciclagem e se o grau de formação está associado à condição sócio-econômica em que se encontram. Utilizou-se entrevistas com vinte oito famílias de catadores, que foram tratadas pela História de Vida. Os dados revelaram relações de trabalho precárias e informais entre catadores e níveis de formação que vão de analfabetismo a concluinte dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

PALAVRAS-CHAVE: catador de material reciclável; precarização das relações de trabalho; inclusão social, grau de formação.

ABSTRACT: This article presents the results of a research that investigated the working conditions of catadores recyclable materials and their degree of training in the city of Foz do Iguaçu. The reuse of urban garbage as emerging activity figure after environmental movements and environmental preservation. The refusals of recyclable materials constitutes, for many workers, only way to ensure survival and possibility for inclusion in a labour market excluding. This survey investigated as scavengers realize their working relationships, the conditions under which perform their duties and practices work in cooperatives of recycling and the degree of training is linked to socio-economic condition. Used interviews with twenty eight families of the trash recyclers, who were treated by the story of life. The data revealed relationships precarious and informal trash recyclers and levels of training ranging from illiteracy the concluinte of early elementary.

KEY-WORDS: collector of recyclable material; insecurity of employment relationships; social inclusion, training degree.

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional, Área Sócio-Cultural - UNISC/RS; Professor Contratado dos Cursos de Turismo e Pedagogia da UNIOESTE/PR e dos Cursos de Pedagogia e História da UNIAMÉRICA/PR.

² Pedagoga formada pela Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA/PR

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a realidade dos catadores de materiais recicláveis tem sua importância para uma sociedade que se localiza na fronteira de dois países e tem como característica a diversidade étnica. Em virtude de tantas diferenças, pessoas vivem sem um emprego fixo e por isso, muitas vezes, recebem um olhar de reprovação da sociedade, pois vivem na informalidade e, portanto, são considerados sub-cidadãos. A condição de vida os obriga a ter uma longa e estressante jornada de trabalho, sobrando pouco tempo para o lazer, o convívio com a família e a formação escolar.

Neste contexto discutir a situação sócio-econômica e o grau de formação dos catadores de materiais recicláveis de Foz do Iguaçu faz com que se considere a realidade da tríplice fronteira, afetada pelo desemprego e outras modalidades de trabalho. Nesta condição, os catadores percebem que a fronteira é um lugar no qual muitos não têm condições financeiras adequadas e outros não tiveram oportunidade nesta sociedade que é excludente. Assim, procede uma análise sobre a distribuição da riqueza produzida e os grupos sociais que estão à margem deste processo social.

O cenário é desfavorável aos catadores de matérias recicláveis uma vez que seu baixo nível de formação e o pouco tempo dedicado aos estudos fazem com que ocupem os postos de trabalho de menor remuneração na sociedade regional. Muitos destes sujeitos são semi-analfabetos ou analfabetos, mostrando que não é uma opção ser catador, mas talvez seja o que “sobrou” como condição para sua sobrevivência. A pesquisa investigou como os catadores de materiais recicláveis sobrevivem diariamente, sua inclusão sócio-econômica e qual é o nível de formação.

A diversidade cultural da tríplice fronteira, fruto das diferentes etnias contribui para uma sociedade consumista que pensa em bens materiais e se esquece de olhar para a população marginalizada. Conforme Forachi e Martins (1977), a coerção cultural é ineficaz, pois os valores estão ausentes ou em conflito e os fins não estão ajustados as oportunidades estruturais ou, ao contrário, os indivíduos não estão adequadamente socializados as diretrizes culturais.

Assim, a pesquisa contribui para pensar sobre a existên-

cia humana e sua condição de vida, em especial a relação entre homens e o meio ambiente. O lixo que é jogado todos os dias na lixeira é separado e reutilizado por uma população mais humilde que vive de materiais recicláveis que se tornam o sustento de suas famílias.

Em muitas capitais brasileiras, os catadores de materiais recicláveis vivem nas ruas, sem ter o reconhecimento da sociedade, vivendo no submundo, pois não tem documentos, dificultando o acesso aos programas sociais e a saúde. Por sua vez são excluídos do sistema de ensino formal e dos cursos profissionalizantes. Assim, só conseguem reproduzir sua condição de pobreza e miséria, e sem oportunidades, ficam sem inserção sócio-econômica.

Em termos metodológicos, se utilizou a História Oral, sobretudo na modalidade Depoimento Oral, visto que a temática a ser investigada é contemporânea e trabalha com a História de Vida dos catadores de materiais recicláveis. Conforme Thompson (1998, p. 25) “a utilização da História Oral fornece imediatamente uma fonte rica e variada para o historiador criativo (...) oferece quanto a sua natureza, uma fonte semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance”. Na visão de Haguette (1992, p. 65) a História Oral é um complemento à documentação histórica, agregando dados que permitem a reconstituição de um fato único, fornecendo “subsídios dentro dos limites da dimensão contemporânea, vez que se baseia em depoimentos gravados de atores sociais que recorrem à sua experiência e memória para recompor fatos acontecidos no âmbito de sua temporalidade”. As informações foram obtidas através de entrevistas realizadas com vinte e oito famílias, priorizando o atendimento da problemática e das finalidades de investigação.

1. AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

O levantamento sobre as condições de trabalho das vinte e oito famílias dos catadores de materiais recicláveis de Foz do Iguaçu mostrou que normalmente trabalham de forma coope-rada e não utilizam equipamentos adequados para fazer a coleta de materiais recicláveis. É um grupo social que sofre com discriminações, pois os catadores não são identificados como

trabalhadores, mas como pessoas que possuem um sub-emprego.

As entrevistas revelaram que um número considerável de catadores não tem consciência de sua importância sócio-ambiental, fazendo a atividade muito mais pela sobrevivência do que pela contribuição ou consciência ambiental. Outro aspecto interessante é que às gerações continuam reproduzindo a forma de trabalho, e em certos casos se encontrou três gerações envolvidas na coleta de materiais recicláveis. Assim, Marinho (2005) acrescenta que o conceito e o lugar que o trabalho ocupa em determinado contexto histórico implica a representação que se faz daquele que trabalha, bem como daquele que não trabalha e, portando, do próprio conceito de trabalho.

Chamou atenção o fato de muitos catadores não terem equipamentos de proteção e estarem sujeitos a perigos de contaminação. Conforme o depoimento de um dos entrevistados, muitas pessoas já se cortaram fazendo o processo de separação. Nestes casos, procuram o Posto de Saúde mais próximo para fazer os curativos necessários. Apenas 5% dos entrevistados tinham a vacina anti-tetânica em dia.

Quando ocorrem “acidentes” e a pessoa é impossibilitada de trabalhar, conseqüentemente não receberá pelo dia parado. Poucos pagam o INSS e os que pagam, somente tem direitos após um ano de contribuição. A renda mensal fica numa faixa de R\$ 250,00 à R\$ 350,00 reais. A distância percorrida diariamente e a falta de equipamentos (carrinho, luvas, máscara...) de trabalho adequados torna a tarefa de coleta mais difícil, sem contar que muitas pessoas ainda não separam adequadamente o lixo. A rotina cotidiana do catador é realizada em condições precárias, conforme afirma Magera (2003, p. 34):

Muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, isto as condições a que estes indivíduos se submetem, com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, sendo, no final, muitas vezes explorados pelos donos dos depósitos de lixo (sucateiros) que pagam-lhe um valor simbólico insuficiente para sua própria reprodução como catador de lixo.

O cotidiano de um catador de papelão é semelhante ao de um garimpeiro ou apostador de loteria. Quando sai de casa não tem certeza de que conseguirá o sustento dos seus, pois

dependerá da quantidade de materiais que conseguirá coletar ao longo do dia. Muitos trabalham há mais de dez anos e foi a herança que os pais deixaram. Em muitos casos é a falta de oportunidade de emprego, pois a maioria não tem escolaridade. A maioria dessas pessoas vive em situação de pobreza buscando no lixo diário de outras pessoas a sua própria sobrevivência, sendo uma atividade de coragem.

São pessoas de várias idades, etnias e religiões, que se adaptam as condições impostas pela sociedade. Muitas dessas pessoas são humilhadas perante a população, por serem pobres e por viverem na informalidade são considerados sub-cidadãos. Conforme Gnerre (2007, p. 18)

Segundo os princípios democráticos nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação. Como existe uma contradição de base entre a idéia fundamental da democracia, do valor intrinsecamente igual dos seres humanos, e a realidade na qual os indivíduos têm um valor social diferente.

As condições de vida os obrigam a ter uma longa e estressante jornada de trabalho passando horas e horas debaixo de um sol escaldante.

Não há um contrato de trabalho como expressão jurídica para definir a relação econômica de compra e venda de trabalho. Segundo Codo (1993, p. 132) “por meio do contrato de trabalho, um trabalhador se compromete a trabalhar durante certo período, o que configura a jornada de trabalho em troca de um salário”. No caso dos catadores de materiais recicláveis, não há contrato de trabalho e nem jornada definida. E em algumas situações as pessoas saem com toda a família para fazer a coleta de dos materiais recicláveis, aumentando a perspectiva de obter uma renda maior ao final do mês. Normalmente os filhos estudam de manhã e trabalham à tarde ou vice-versa, e assim recebem um auxílio do governo (Bolsa Família), ajudando na renda mensal.

2. EDUCAÇÃO E GRAU DE FORMAÇÃO DOS CATADORES

No Brasil, estima-se que o número de catadores de materiais recicláveis seja de aproximadamente 500.000 (quinhentos mil).

tos mil), estando 2/3 deles no Estado de São Paulo (MEDEIROS; MACEDO, 2006). Embora o número seja expressivo, a catação é uma atividade tal como a de um vendedor ambulante, realizada informalmente, mas a partir da década de 1980, a organização em cooperativas ou associações contribui para o reconhecimento dessa atividade como profissão.

Na última década do século XX, com o apoio de instituições não governamentais, foram promovidos encontros e reuniões em vários locais do país com a finalidade de organizar os catadores de materiais recicláveis, pois a sociedade começou a entender o valor destas pessoas. Os municípios, timidamente começam a investir nestas organizações, muito mais forçados pela legislação em curso de exigia a destinação do lixo de forma adequada, do que auxiliar os catadores.

Novos parceiros foram incorporados, o primeiro ano do século XXI marcou a realização do "I Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis e a I Marcha da População de Rua (MAGERA, 2003, p. 105). Dessa forma, em 2002, os catadores foram reconhecidos como categoria profissional e são registrados pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável.

Mesmo com os avanços em termos de organização e reconhecimento, a pesquisa identificou que a maioria dos catadores de materiais recicláveis entrevistados na cidade desconhecia que sua categoria era reconhecida. Esse fato é uma decorrência da falta de informação e pelo descaso em relação a estes profissionais. Não há nenhum órgão público na cidade que se preocupe realmente com estes profissionais, no sentido de fornecer informações e auxílio para que sejam menos explorados.

Verificou-se também que quase a metade dos entrevistados é semi-analfabeta – escrevem e lêem com dificuldade ou simplesmente sabem assinar seu nome. Esta realidade contrasta com uma pesquisa realizada em Uberlândia, Minas Gerais, na qual apenas 13% era semi-analfabeta e mais de 40% tinha o Ensino Fundamental completo (SILVA: LIMA, 2007). Um estudo parecido realizado em São Paulo também apresenta índices parecidos com os da cidade mineira. Então, como explicar o baixo nível de formação dos catadores de Foz do Iguaçu?

A explicação está na reprodução da pobreza e na falta de conseguir um emprego com carteira assinada. A região de Foz

A INCLUSÃO SÓCIO-ECONOMICA E O GRAU DE FORMAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE FOZ DO IGUAÇU

do Iguaçu é atípica em relação e empregabilidade fato associado à informalidade em relação ao país vizinho – Paraguai. Desse modo, o catador de materiais recicláveis, não tendo acesso a educação e as políticas de inclusão social, tende a reproduzir a força de trabalho. Segundo Guareshi (1999), no entendimento da sociedade contemporânea, o conceito de exclusão está associado as transformações do mundo do trabalho, principalmente as advindas das transformações do modo de produção, que modificaram o cenário das relações sociais até então vigentes.

Contudo, é desejo dos catadores que seus filhos estudem para terem uma vida melhor. O problema é que a escola, em muitos casos, exclui essas crianças, pois são rotulados como “incapazes” ou com “problemas”. Falta compreender o contexto no qual estas crianças estão inseridas e deste modo oportunizar o rompimento com a reprodução do modo de vida.

Outra contribuição que o poder público poderá pensar é oferecer cursos de formação e de gerenciamento para que os catadores possam se fortalecer como classe social. Conforme Santos (2006, p. 121),

As classes sociais existem desde a desagregação da sociedade baseada essencialmente nas relações de parentesco, porém o desenvolvimento de uma consciência e classe é bem mais recente, estando vinculada a era moderna. Esta possui algumas características opostas as existentes em períodos anteriores, que eram marcadas pela dispersão das organizações sociais e pela economia de subsistência, o que contribui para o fortalecimento de uma maior identificação entre os trabalhadores.

Cardin (2006), em sua dissertação de Mestrado, analisa a situação dos sacoleiros e laranjas na tríplex fronteira, duas outras categorias de informalidade de trabalho. Estas podem ser beneficiadas com a Lei dos Sacoleiros, aprovada em meados de 2010 e com previsão de entrar em vigor em 2011. Talvez alguns catadores de materiais recicláveis possam beneficiar-se com esta lei saindo da informalidade para o trabalho formal, tendo direito a seguridade de um trabalhador.

Assim, é possível melhorar o grau de formação dos catadores, auxiliando-os a cuidar melhor de si e de seus familiares. Com maior conhecimento de seu trabalho e reconhecidos pela sua contribuição à sociedade local é possível pensar em organizações de catadores que cuidam de sua saúde e au-

mentem seus rendimentos mensais. Auxiliando-os na organização e na gestão, o material recolhido por dia trará condições de vida mais dignas para suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste artigo auxiliam a repensar o trabalho realizada pelos catadores de materiais recicláveis e sua relação com o meio ambiente. Oportuniza olhar para estes sujeitos como colaboradores sociais, pois prestam um duplo serviço à sociedade: retiram o lixo das ruas e com este trabalho tiram o sustento de suas famílias.

Embora marginalizados pela sociedade, são frutos de um contexto desfavorável e que não lhes deu oportunidade melhor para buscar sua sobrevivência no mundo capitalista. Assim, vivendo na informalidade, não por opção, mas por força da situação, não são amparados para compreender sua situação de classe e deste modo são explorados pelo pouco que produzem no dia-a-dia.

Sem formação, analfabetos ou semi-analfabetos, os catadores de materiais recicláveis procuram melhorar a vida de suas famílias, investindo na educação de seus filhos. Aprenderam no cotidiano de que a vida de catador não é incerta e, portanto, desejam que seus filhos estudem para ter um trabalho com carteira assinada e direito à seguridade.

São pessoas humildes, queimadas pelo sol, trabalhadoras, mas que a sociedade esqueceu. São vistos andando sozinho, às vezes acompanhados de seus filhos, da esposa, parecendo retirantes. Acreditam que o amanhã será melhor que hoje e o importante é ter amigos e uma família. Sua sabedoria não foi construída nos bancos escolares, mas sabem o quanto importante é ser solidário, estender a mão, ajudar. Na contramão do capitalismo, sabem partilhar o pouco que tem.

Enfim, não são incluídos e nem partilham da riqueza produzida pelo município, mas com sua pouca instrução, contribuem para melhorar a cidade na qual vivem suas famílias. Desconhecem seus direitos, mas enfrentam cada dia de trabalho como os demais profissionais.

REFERÊNCIAS

CARDIN, Eric Gustavo. **Sacoleiros e “laranjas” na triple fronteira: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**. 2006. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Programa de Pós-Graduação em sociologia- UNESP- Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

CODO, W. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1993.

FORACHI, M. M. e MARTINS, J. S. Sociologia e Sociedade. Leituras de **Introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Tec e Cient Ed Ltda., 1977.

GNERRE, E. **Ensino de língua materna e educação bidaletal no Brasil**. Volume1. Pleiade. Foz do Iguaçu: 2007.

GUARESHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1999.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1992.

MAGERA, M. **Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade**. Campinas-SP: Átomo, 2003.

MARINHO, M. C. N. As transformações no mundo do trabalho e suas implicações na formação do executivo. Universidade Católica de Goiás, Dissertação de Mestrado não publicada, Mestrado em Psicologia. Goiânia- GO, 2005.

MEDEIROS, L. F. R.; MACEDO, K. B. “Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?” **Psicologia & Sociedade**, n. 18, v. 2, p. 62-71. Goiânia-GO, mai./ago. 2006.

SANTOS, A. Antigos e novos campos da ideologia do capital na educação do trabalhador. In: FRIGOTTO, G. **Trabalho e educação**. Maringá: Práxis, 2006.

SILVA, D. B.; LIMA, S. do C. Catadores de materiais recicláveis em Uberlândia - MG, Brasil: estudo e recenseamento. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 8, n. 21, p. 82-98, jun. 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. 2. ed. Tradução de

Blasius Silvano Debald - Dirceinécia Rodrigues

Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.